

# O BERÇO DA MONARCHIA

PROPRIETARIO, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES.

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS E SABBADOS

NUM. 38

QUARTA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 1871

I.º ANNO

## GUIMARÃES, 10

A revolta que se manifestou tremelunda em Goa, acabou pela submissão espontanea dos corpos sublevados, mas sem ter todavia deixado de sobressaltar a metropole, e de inquietar fortemente os espiritos da mãe patria.

O haver-se revoltado a maior parte das tropas dos estados da nossa Índia, e a suspeita de ser tal revolta o preludio de acontecimentos mais graves tendentes a arrebatarnos aquella parte da monarchia de além-mar, motivo era de certo para grande inquietação e desassocego.

Acabou porém, como disse-mos, essa revolta, e felizmente em poucos dias, sem o emprego de meios extremos, sem o derramamento de sangue, e sem os sacrificios avultados que a nação se dispunha a fazer.

Agora, pois, que os batalhões sublevados se repozeram na obediência á lei, e no respeito á authoridade legal; agora que tudo parece terminado, que a acção do governo está desoccupada d'aquella revolta, convém que se cuide quanto antes de prescrutar as causas que determinaram esses graves successos, e que se proveja, com acerto, no modo de evitar novos acontecimentos, que possam advir, e quiçá mais temiveis, senão se extremarem as causas.

O governo que, n'esta conjuntura, se mostrou á altura da sua nobre tarefa; que deu provas de muito tino e conhecedor das necessidades publicas; que desenvolveu grande vigor, e muita actividade nas providencias que a importancia de tão grave caso urgentemente demandava, seguramente ha de ser diligente no emprego dos meios que ponham a coberto de outras tentativas subversivas aquella nossa rica e cobiçada colonia, onde tantas vezes o valor portuguez arremetteu impavido, praticando actos estupefahentes de arrojo, acções assombrosas de valentia, e os mais gloriosos e brilhantes feitos, que consigna a nossa historia.

Como ideia associada, vem a pello lembrar, em nome das conveniencias do paiz, a urgencia de organizar em termos, de instruir convenientemente, e de armar devidamente o exercito, para que elle, em casos identicos áquelle de que nos

temos occupado, possa bem corresponder ao seu grande fim, e desempenhar perfeitamente a sua dura missão.

Por o exercito estar muito áquem das condições apontadas, foi que se tornou preciso expedir trinta mil ordens urgentissimas, tocantes umas a convidar soldados para augmentar o pequeno numero das praças que constituíam o effectivo do corpo expedicionario, e tentantes outras a prover sobre trinta mil coisas que não estavam previstas, nem providenciadas.

O que se acaba de dar nos estados da Índia; o que se deu em Angola, em 1860; o que se tem dado, e está ainda dando em Moçambique com o decantado Bonga; e o que tão possivel é dar-se e repetir-se em outros territorios da nossa dominação, mostra que esses individuos adversos á existencia e manutenção do exercito, pertencem á escola dos utopistas e visionarios que, observando a sociedade a través d'um prisma, julgam ser tudo lindissimo, como enganosamente se lhes representa.

Entretanto que os instinctos dos homens não se confundirem com a bondade dos anjos, e até que isso não succeda, o exercito ha de ser uma necessidade imprescindivel, porque é elle a base sobre que assenta a sociedade; porque é elle a garantia mais valiosa da autonomia do paiz, e das imunidades do povo; porque é elle o obstaculo terrível com que toparam os anarchistas, e os mal intencionados; e porque é elle que torna respeitadas as authoridades, e que faz com que sejam cumpridos e observados os seus mandatos.

Sejamos justos, não ha ordem alguma de servidores que, além do referido, tenham, como o exercito, as vidas hypothecadas á nação, e que porisso tanto jus tenham a que o paiz lhes devote a sua estima.

Na revolta de Goa, o exercito patenteou possuir exuberantemente essa dedicação patriótica, e esse patriotismo heroico que tornaram invenciveis e immortalisaram os nossos antepassados. Não trepidou em ir combater onde os brios o chamavam, mas onde a lei o não obrigava.

Esta bizzaria do nosso bravo exercito, bem mereceu, pois, os applausos com que a imprensa, e os

louvores, com que o paiz o tem festejado.

## Um pastor d'almas

Ao nosso artigo—Depois do emprasamento—responde o sr. reitor de Villa Cova da Lixa :

«Peço de novamente as columnas do seu jornal, para dirigir, pela ultima vez, duas palavras mais ao velho calumniador dos padres, e moderno calumniador das senhoras. Creia, sr. redactor, que não é sem grande repugnancia que o faço, por que me repugnam sempre estas questões pessoais com que a moral nada interessa, se não é aggravada; mas a tanto me vejo forçado, pelo respeito que se deve á verdade, pela consideração das pessoas que me não conhecem nem ao meu provocador, e finalmente pela honra de uma senhora, digna a todos os respeito da maior veneração.

«Deixo, sr. redactor, ao seu criterio e ao dos meus compatriotas, a classificação do procedimento do meu inimigo de fresca data, que para cohonestar os insultos que me dirige me chama senhor, possuidor e redactor da «Religião e Patria», attribuindo-me por consequencia os artigos em que v. p. v. escreveu a philoquia d'aquelle litterato ligeiro, para me occupar unicamente do saldo de contas e da supposta carta da snr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella.

«Eu podia provar ao sr. Mascarenhas que a causa impulsiva das minhas liberalidades era completamente estranha aos serviços da sua penna, que não recusei por modestia, mas de que não precisava. Podia provar-lhe com documento escripto pelo punho d. s. s.<sup>a</sup> datado de Sinfaes, que as minhas liberalidades são mais antigas que a data que lhe assigna o sr. Mascarenhas. Queria eu, n'esse tempo remunerar-lhe os serviços da sua penna, feitos aos meus adversarios no «Vimaranense». Não quero porém entrar em tantos detalhes sobre tão pequena questão, e limito-me só a dizer-lhe o seguinte:

«Ou o sr. Mascarenhas alugou a sua penna á politica ou a mim; se foi á politica, nada me pagou, estão as contas por saldar,—é por tanto um ingratão dirigindo-me insultos grosseiros, e fazendo-me torpes insinuações, sem motivo para isso: se foi a mim, como posso provar com documento, que fazendo politica choruda no berço da monarchia estava á mercê da caridade.

«E agora, quanto á carta da excm.<sup>a</sup> snr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella, te-

nho para mim, enquanto não se apresentarem provas em contrario, que ella tem só existencia na descairada imaginação de quem, não contente aindá com ser o detractor officioso dos padres, pretende agora por uma infamissima perfidia, macular o nome d'uma senhora no lodo das suas miserias.

«Por a excm.<sup>a</sup> viscondessa, e por mim, eu tenho obrigação de suppor que esta carta é apocripha: por mim por que não conheço em minha vida factos que auctorisem as asserções d'aquella carta: por ella, porque uma senhora, das nobres qualidades que ornão o character de s. exc.<sup>a</sup>, era incapaz de vir em publico dizer injurias a ninguém.

«Sou como sempre, sr. redactor,

De v. etc.

Villa Cova 30 de setembro de 1871.

PADRE J. L. DE FARIA SAMPAIO.»

Aqui ficam fielmente copiadas as duas palavras do sr. reitor de Villa Cova da Lixa. As phrases que sublinhamos, para sobre ellas chamar a attenção do publico, estão sem este signal no escripto do sr. reitor.

Para a condemnação do sr. padre José, que parece tel-o Deus dementado para o castigar, na opinião da gente sensata e esclarecida, é de sobejo o seu proprio aranzel, em que só ha de verdadeira a homenagem tributada aos dotes e qualidades da excm.<sup>a</sup> snr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella, verdade que o sr. padre envolveu com indignas calumnias, para o manifesto fim de encobrir as suas NEGRAS INGRATIDÕES.

Pedimos licença á excm.<sup>a</sup> snr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella para dar ao publico conhecimento de um facto, em que, por nossa intrevensão e pedido, s. exc.<sup>a</sup> conseguiu que o sr. padre José Leite de Faria Sampaio fosse o preterido aos de mais concorrentes no concurso á reitoria de Villa Cova da Lixa. Aquella bondosa e nobre senhora, concedeu-nos a licença pedida, em carta do punho de s. exc.<sup>a</sup>, datada de Braga, em 9 de setembro proximo findo, n'estes termos:

«Respondendo ao que me pede, digo-lhe que o ABBADE não deve senão ao Mascarenhas e a mim o estar aonde está; e por isso não admira que elle queira tachar de ingratos os outros

quando só elle o saber. Não são os amigos d'elle, é elle que quer pôr nos de mais a mascara que o cobre.

Lêram a resposta do sr. reitor ?!

Só um cynico — e é pastor d'almas! — que tem o descaro de negar á população vimaranense, o ser, e ter sido, desde o seu primeiro numero, redactor, dominador, dono e alma da «Religião e Patria», — é que seria capaz, como foi o sr. padre José, de dar uma semelhante resposta a factos incontestaveis, com elle passulos, conhecidos de muita gente, e asseverados por uma senhora digna a todos os respeito da maior veneração!!!

Damos ao INGRATO, PROVOCADOR E CALUMNIADOR, a certeza de que não descremos nunca a fazer reconhecer por um tabellião a letra da excm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella, porque indelicadosas taes só as sabem praticar os religiosos da guisa do sr. reitor de Villa Gova. Mas a nobre e virtuosa senhora, que nós, na linguagem cynica e infame do sr. padre, *maliciamos por uma infamissima perfidia*, graças ao Deus da verdade, vive e hade viver muitos annos ainda, para confusão dos PADRES INGRATOS E CALUMNIADORES. Veja o sr. reitor se tem o atrevimento de ir a casa de s. exc.<sup>a</sup> pedir-lhe um desmentido, que é o modo unico de nos confundir. Tudo o mais que faça e diga, é deitar poeira nos olhos dos tolos, e fazer a figura que fez ha dias certo pregador, quando vomitou do pulpito *allusões ao nosso jornal* e pediu depois, com refinada hypocrisia, uma Ave-Maria pelo seu mais fidalgo inimigo!...

Esperaremos mais 8 dias pelo desmentido da excm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> viscondessa de Pindella.

Auctorisamos tambem o sr. padre a publicar o *nosso* escripto de Sinfias, a que se refere, *reconhecido por um tabellião*.

Ficamos esperando.

M. M.

## COMMUNICADO

Pedido e perguntas innocentes.

Chamamos a attenção do sr. presidente da camara d'este concelho, ou de quem competir, sobre o estado deploravel em que se acha a fonte de Gova, na freguezia de Gondomar, d'este concelho.

A fonte não pôde estar em peiores circumstancias do que se acha, porque não é mais do que um charco de immundicie dos exurros que lhe entram dentro, pela sua má e pessima construcção.

Todos nós contribuímos para as despesas do municipio, e bom é que chegue aqui um tão pequeno ramo da sua administração, visto não chegarem outros melhoramentos. O recato e limpeza das fontes é uma das primeiras necessidades hygienes de uma povoação.

Agora que nos occupamos d'este assumpto, cabe aqui fazer-mos uma pergunta innocente:

Com que direito mudara o sr. José Antunes Lobo, (ou sua familia) d'esta mesma freguezia, o leito da antiga fonte, que se achava reservada de taes immundicies, para uma outra localidade, afim das suas vertentes lhe irem regar melhor a sua propriedade que tem proxima ?!

Com que direito mandara o sr. Lobo construir um cano ao nivel da estrada, para por elle conduzir agua da fonte publica, para uma outra que fizera dentro dos seus portaes ?

Com que direito tem o sr. Lobo privado o publico de se abastecer das aguas da fonte publica, como ainda acontece ha mezes, em que andou com a reparação do referido cano, e construcção de uma caixa para deposito da mesma agua, da sua fonte, d'onde resultou secar de todo a d' publico, durante o tempo de tal construcção, e a agua retomasse o seu nivel ?

Certamente ignora os art. 89 e 94 dos Accórdãos da Camara, que prohibem a toda a pessoa a usurpação de taes aguas, e até abrir no seu predio pozos, vallas, ou minas, que prejudiquem as aguas de qualquer fonte publica!

Como é pois, e com que direito tem o sr. Lobo usurpado uma agua que lhe não pertence, mas sim ao publico, a não serem as vertentes, que escorrem para a sua propriedade ?

Ainda mais:

Com que direito tem até chegado a reprehender alguns moradores da freguezia para que não fiquem em annos de secca agua da fonte, mais do que a precisa para o gasto de suas casas, e não para regarem um vaso de cravos ou um canteirinho de couve sequioso ?

Seja como for. Ao sr. presidente da camara cumpre mandar inspeccionar este negocio e reprimir taes abusos da parte do delinquente, e quando o não faça voltaremos ao assumpto, e então apontaremos mais algumas gentilezas e façanhas d'este *pachásito* d'aldeia.

Por enquanto, ficamos por aqui.

## NOTICIAS

### EXPEDIENTE

Damos nos nossos illustres assignantes, a quem confiamos os recibos das respectivas assignaturas, o favor de nos mandarem, com a maior brevidade, a sua importancia, em estampilhas de 25 réis ou vales do correio.

Especialmente pedimos aos nossos assignantes do Alentejo, que ainda estão em divida.

Esperamos ser attendidos, n'este justissimo pedido.

**Bracarense.** — Agradecemos a este nosso distincto collega a honra que nos deu, transcrevendo no seu n.º de 7 do corrente um dos nossos artigos, que publicamos no n.º 36 d'este mez.

Visto, pois, que o collega nos quiz honrar por este estremo modo, parece que deveria, na transcripção do alludido artigo, ter mais solicitude do que aquella com que se houve, deixando apparecer nas suas columnas esse nosso pobre artigo sobejamente estrupiado.

N'um dos periodos m tamorphosearam a terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo, do verbo *ser*, na conjuncção — e. N'outro periodo eliminaram, sem substituição, a terceira pessoa do plural do mesmo tempo e do mesmo modo, do verbo *estdr*. N'outro escreveram a palavra *oppugnar* com um só — p. E ainda não contentes com estas incorrecções, transformaram o adverbio — *implacavelmente*, em — *imploravelmente*.

Implacavelmente é que nos dirigimos aos snrs. typographos do «Bracarense» para que sejam mais compassivos com o que se dignarem transcrever do «Berço da Monarchia».

**Governador civil de Braga.** — Foi demittido o sr. José Barbosa da Costa Lemos, actual governador civil de Braga, e nomeado para o substituir o exm.<sup>o</sup> Luiz Cardoso Martins.

Parabens ao districto.

**Cereaes.** — O preço dos cereaes no mercado d'esta cidade em 7 do corrente, foi o seguinte:

Trigo (alqueire) 960 — Centeio 580 — Milho alvo 590 — Milhão grosso branco 640 — Dito amarello 620 — Painço 360 — Feijão vermelho 800 — Dito branco 700 — Dito amarello 640 — Dito rajado 560 — Dito fradinho 480 — Batatas 360 — Azeite (almude) 4:600 — Vinho 700.

**Fallecimento.** — Falleceu na segunda-feira proxima e o seu cadaver desce hoje á morada mortuaria, na igreja de S. Domingos, onde se va occultar para seculos sem fim, a excm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Joanna Carolina Martins Sarmiento, irmã dos excm.<sup>os</sup> snrs. Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmiento, e viscondessa de Roriz.

Depois de acerbas tribulações e dores pungentes d'uma longa enfermidade, rebelde a todos os esforços da medicina e aos disvellos de sua excm.<sup>a</sup> familia, deixou este mundo d'illusões para ir gosar na mansão celeste o premio de suas virtudes.

A toda a sua exm.<sup>a</sup> familia tributamos os mais sinceros sentimentos.

**Grande incendio em Vianna.** — (Lê-se na «Aurora do Lima»):

A's 11 e meia horas da noite de ante-hontem rebentou um grande incendio em um vasto armazem de madeiras pertencente ao acreditado negociante d'esta cidade d'esta praça o sr. João Antonio

Magalhães Vianna, e que aquelle sr. possuía junto á capella da Senhora das Arcs, na margem do rio Lima.

O fogo manifestou-se com toda a rapidez, pois, apesar de haver luar, o clarão das chummas, que se elevavam a extraordinaria altura, dava um aspecto horrivel bello á cidade.

Junto ao armazem incendiado ha algumas pequenas casas, que não obstante o incendio occupar um grande espaço, não sofreram prejuizo algum.

Apesar da hora adelantada da noite da grande distancia em que se manifestou o incendio, compareceram alli os snrs administrador do concelho, commandante de infantaria 3, um piquete d'aquelle regimento, e grande numero de pessoas, bem como a companhia dos incendios, d'aquelle regimento, e grande numero de pessoas, bem como a companhia dos incendios, com as respectivas bombas, que prestou bons serviços.

Dizem-nos que o armazem continha uma grande quantidade de madeiras para embarque, bem como alguns 60 carros de gravalha!

Tudo foi reduzido a um montão de cinzas!

Hontem pela manhã via-se alli um enorme brazeiro, d'onde ainda sahia muito fumo.

Não sabemos ao certo em quanto estão avaliados os prejuizos causados pelo voraz incendio, mas informam-nos que monta a quantias importantes.

**Desgraça.** — No domingo passado no lugar das Marruas concelho de Fortes Novas, deu-se o seguinte funesto acontecimento. Um rapaz estava em sua casa limpando e preparando uma espingarda, quando appareceu um rancho de fulgãs raparigas do mesmo lugar e entre estas uma a quem elle fazia a corte, e naturalmente pelas relações que sempre ha entre todos os habitantes d'uma lida, dirigiu-se a ella com a franca confiança d'aquellas idades e disse-lhe: «se eu quizesse dava-lhe agora um tiro e matava-a.» Pôz a arma ao hombro tocou talvez com mais força no gatilho, elle cedeu, a arma disparou-se, e foram enterrar-se a um hombro da pobre rapariga, que cahiu redondamente no chão, mais de 60 lagos de chumbo.

Tem estado bastante mal, mas constata-nos estar livre de perigo, devido aos esforços e interesse que tem tomado o habil facultativo assistente, o sr. Silva, cirurgião mór do regimento de cavallaria 7.

E' para lamentar que estes acontecimentos que estão a dar-se quasi todos os dias, não sirvam de severo aviso para se não praticarem levandades de tal ordem.

**Sobre o matrimonio.**

— Vou repetir-lhes, diz o *Diario da Tarde*, o que um frade respondeu a um individuo, que o consultava sobre se devia ou não tomar estado.

E's o que o homem disse: «Os bem casados fazem da casa um paraizo, e os mal casados fazem da casa um inferno.

Não ha mulher nem homem tão perfeitos, que a um não falle alguma cousa, e a outra muitas.

Se a mulher é generosa, é louca. Se é rica, orgulhosa. Se bonita, não se pôde guardar. Se é feia, não se pôde viver com ella. Se intelligente, não é boa para arranjo de casa.

Se honesta, cinmenta. Se o marido a feixa, queixa-se. Se a deixa, perde-se.